



Lourival Sant'Anna carta@lourivalsantanna.com

Desordem global desafia lideranças

Os desafios que a crescente desordem internacional impõem à liderança dos EUA – ou de qualquer país que tente exercê-la – se apresentaram de forma condensada na última semana: a violência desenfreada de Israel na Faixa de Gaza, a vulnerabilidade da Ucrânia frente à Rússia, de Taiwan frente à China e da Guiana frente à Venezuela.

O presidente Joe Biden comunicou ao premiê Binyamin Netanyahu que sua política em relação a Gaza depende da adoção de medidas por parte de Israel para frear a punição coletiva de civis. Traduzindo: o governo americano pode suspender a ajuda militar anual de US\$ 3,8 bilhões se Israel continuar atacando alvos civis e bloqueando entrada de ajuda humanitária.

A conversa se seguiu ao assassinato de sete membros da organização World Center Kitchen, que distribuíam alimentos na noite de segunda-feira em Gaza, quando seu comboio foi bombardeado pela Força Aérea israelense. Eles se somaram a 194 agentes humanitários e 32 mil palestinos mortos por Is-

rael desde as atrocidades cometidas pelo Hamas, em 7 de outubro.

A campanha israelense viola não só o direito internacional, mas a lei americana, que proíbe o emprego de armas fornecidas pelos EUA em castigos coletivos contra civis. Biden reiterou o compromisso americano com a defesa de Israel frente ao Irã. No dia do massacre dos voluntários, o presidente assinou a transferência de mais de 2 mil bombas a Israel, já aprovada anteriormente pelo Congresso.

SOBREVIVÊNCIA. Netanyahu luta pela própria sobrevivência política. Um dos líderes da oposição, o general Benny Gantz, propôs a realização de eleições em setembro. Pelas pesquisas, o bloco do governo sairia derrotado. Netanyahu tem o apoio de 64 dos 120 deputados da Knesset. Basta que quatro se retirem para seu governo cair. O efeito da pressão americana depende da reação dos deputados mais moderados, suscetíveis aos danos à reputação e às relações de Israel com os EUA.

A influência de Biden é ain-

da menor no flagelo dos ucranianos. O ex-presidente Donald Trump orientou a banca republicana, majoritária na Câmara, a não votar um pacote de ajuda de US\$ 60 bilhões para a Ucrânia, que inclui também US\$ 14,1 bilhões para Israel, US\$ 9,2 bilhões em assistência humanitária e US\$ 4,8 bilhões para aliados no Indo-Pacífico, especialmente Taiwan.

Com Maduro voltando à carga contra a Guiana, liderança do Brasil na região se perdeu

Na celebração do 75.º aniversário da Otan, na quinta-feira, em Bruxelas, o secretário de Estado Antony Blinken afirmou que a Ucrânia acabará se tornando membro da aliança de defesa ocidental. A promessa pareceu mais vazia do que nunca. O chanceler ucraniano, Dmitry Kuleba, falou da necessidade urgente de munição de artilharia e defesa aérea, para proteção contra os ataques diá-

rios da Rússia.

A Ucrânia não sabe se seguirá sendo um Estado soberano nos próximos anos. Se isso não for garantido agora, com armas e munições, não há um futuro sobre o qual sonhar. Os membros da Otan prometeram vasculhar seus arsenais em busca de antimísseis Patriot, projetados para interceptar mísseis russos. Mais uma prova da improvisação e voluntarismo na contenção do expansionismo russo.

O terremoto de quarta-feira levou à suspensão temporária de parte da produção de chips em Taiwan. A ilha responde por 90% da fundição dos mais avançados semicondutores do mundo. São eles que fazem funcionar tudo o que é eletrônico, civil ou militar.

AMEAÇA. A pausa, logo superada, foi mais um lembrete da dependência do mundo em relação a essa ilha ameaçada de invasão pela China. Biden lançou em 2022 um programa de US\$ 280 bilhões para deslocar a produção de chips para os EUA e parceiros próximos. Mas isso le-

va tempo, e as transferências estão atrasadas.

Taiwan não tem interesse: seu status de maior produtor de chips é um principal motivo para o Ocidente proteger a ilha das ameaças chinesas. O pacote de leis de Biden incluiu o banimento do acesso da China a chips de alta performance, criando mais um incentivo para a anexação de Taiwan.

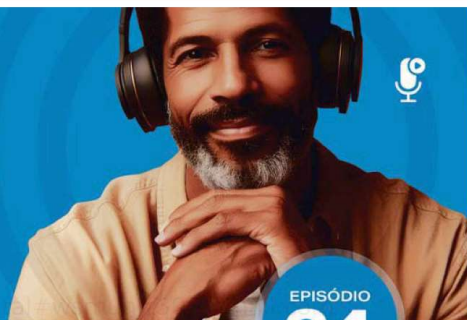
O impopular regime venezuelano voltou a ameaçar com uma guerra na Guiana. O Essequibo, que representa 70% do território guianês, foi anexado, exatamente como Vladimir Putin, aliado de Nicolás Maduro, fez com 15% da Ucrânia.

Em 14 de dezembro, em acordo mediado pelo presidente Lula, Maduro havia se comprometido a retirar essa ameaça. Em troca, Lula deu aval à sua farsa eleitoral. Com a retirada desse aval, diante da explícita exclusão da oposição, Maduro volta à carga contra a Guiana. O único sinal de liderança do Brasil na América do Sul se perdeu. ●

É COLUNISTA DO ESTADO E ANALISTA DE ASSUNTOS INTERNACIONAIS

VODCAST dois pontos

Forme **sua opinião**
ouvindo os “Dois Pontos”



EPISÓDIO
24

De ‘Publis’ veladas ao ‘Tigrinho’: como influencers podem ser responsabilizados?

Em um País com mais smartphones que habitantes, segundo a FGV, hoje o Brasil só perde para os Estados Unidos em número de influenciadores. Segundo a Nielsen, são 10 milhões, com pelo menos 1 milhão seguidores no Instagram.

Quais os riscos dessa proliferação? O que torna esse trabalho tão atraente? É realmente rentável? Para conversar sobre essas questões, foram convidadas **Issaaf Karhawi**, doutora em Ciências da Comunicação pela USP e autora do livro ‘De Blogueira a Influenciadora: Etapas de Profissionalização da Blogosfera de Moda Brasileira’, e **Fernanda Concon**, atriz, influenciadora, internacionalista e apresentadora do programa Chuva de Likes, do canal El, que estreia ainda em 2024.

Apresentação: **Roseann Kennedy**, colunista do Estadão, e **Carla Menezes**, repórter de redes sociais do Estadão.

Use o QR code
para acessar



Basta apontar a
câmera do seu
celular para a
imagem acima.

bit.ly/impresoe24



ESTADÃO